

## **AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO FEMININA NOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA.**

Marisa de Fátima Lomba de Farias  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

As pesquisas desenvolvidas em assentamentos de reforma agrária apresentam reflexões teóricas considerando as variadas dimensões da vida nestes espaços sociais, dentre elas pode-se citar, a chegada à terra, as formas de produção e de organização espacial e social dos lotes e outras. Por outro lado, demonstram que a vida nos assentamentos é marcada por uma certa ambigüidade. Não se trata, portanto, de uma contextura social fácil de ser compreendida, visto que no processo de constituição dos assentamentos estão presentes diversos atores e projetos sociais: famílias, indivíduos, mediadores e o próprio Estado. Esses sujeitos procuram organizar as relações internas de modo a apresentar uma alternativa viável a um número maior de pessoas: o acesso à terra e, conseqüentemente, a uma qualidade de vida superior àquela que tinham em outros tempos e em outros lugares.

Para o entendimento desse espaço social, os assentamentos de reforma agrária, os caminhos construídos por pesquisadores(as) são diversos, haja vista que os diferentes projetos, as diferentes localidades, enfim, os diferentes modos de vida presentes e se conflitando, às vezes em menor ou maior grau, demonstrando que a “vida é difícil de ser vivida”<sup>1</sup>, se encontram e desencontram com as perspectivas dos pesquisadores.

Em nossos caminhos de pesquisa, notamos que os homens e mulheres chegam nos assentamentos e trazem uma história de vida que se apresenta como forte definidora das estratégias familiares, (re)estruturando as alternativas para a permanência nesta terra que foi conquistada, na maioria das vezes, com muito sacrifício, sob a lona preta, com pouca comida, mas com esperanças de alcançarem dias melhores.

Desse modo, advogamos concepção de assentamento como um novo espaço social, passível de conflitos sociais, em diversos âmbitos, é encontrada em vários autores, uma vez que é um espaço de poder onde são construídos diversos projetos<sup>2</sup>. Os assentamentos rurais significam, então, um período novo, porém difícil na vida das mulheres, que vivem entre o encantamento e o desencantamento, entre o conhecido e o desconhecido, entre o existente e o que está por vir, como se esperassem “chegar setembro para a boa nova entrar nos campos”<sup>3</sup>. Devemos atuar nos assentamentos, entendendo-os como um espaço em construção, onde estão presentes as rupturas, as (des)construções, as (re)construções, diante dos variados projetos presentes no cotidiano das mulheres.

Frente a tais circunstâncias, nesse momento, é possível definir um caminho para a análise da vida nos assentamentos, tendo a participação feminina como foco central, estudada a partir de reflexões acerca da representação, com o intuito de perceber o que mudou na vida dessas mulheres. Essa escolha não se deu aleatoriamente, mas, tendo em vista uma trajetória de pesquisas e de estudos de gênero em assentamentos de reforma agrária no estado de Mato Grosso do Sul, nas quais observou-se a participação das mulheres no processo de luta pela terra – nos acampamentos – e o processo de luta na terra – nos assentamentos.

Desta sorte, verificou-se que as mulheres estão presentes nos dois momentos da luta, porém vivem múltiplas dificuldades, somadas aos problemas mais gerais, como veremos. Nesse sentido, muitas delas construíram no acampamento uma identidade de liderança, com participação efetiva e, até mesmo, decisiva nos momentos de maior tensão conflituosa; no assentamento, se voltam para o espaço da casa, participando do ciclo de produção – no sentido de ajuda ao marido – mas não têm presença nas decisões importantes dessa produção, leia também, circulação/lucro e, nos processos decisórios em diversos âmbitos do assentamento. O caminho inverso também existe, ou seja, uma

resistência cotidiana contra a dominação patriarcal<sup>4</sup>. Nesse movimento por meio da vida cotidiana, que aos poucos vai se estruturando nos Assentamentos de reforma agrária, o uso das representações sociais que dizem respeito à condição feminina é estratégico no desenrolar das relações de gênero.

As mulheres constroem a representação nos assentamentos de reforma agrária no processo de efetivação de sua identidade, no jogo entre situações de dominação e de libertação em um movimento de imposição de poder de indivíduos, principalmente, a figura masculina, por vezes, o pai, um irmão, um filho, o marido; e de grupos, levando-as a estruturarem resistências simbólicas diárias contra tais imposições.

Por essas e outras, é possível dizer que as representações, ao mesmo tempo em que é criada e é apropriada, atua como prática social, dando à vida cotidiana um movimento constante, entre o espaço-tempo e o devir, dando coloridos diversos às relações tecidas entre mulheres e homens.

Portanto, entendemos a representação, tendo em vista as reflexões de Lefebvre<sup>5</sup>, como presença e ausência, construídas em um *continuum* de ações, em que homens e mulheres vivem situações nas quais exploram os possíveis, partindo das representações, constroem um outro conhecimento de sua condição no mundo, tendo em vista a exploração de rupturas no tecido social. As representações podem, então, criar brechas de transformações no cotidiano em situações de conhecimento e desconhecimento.

Por outro lado, as representações são efetivadas, também, em movimentos que podem levar à conservação das relações de controle e dominação patriarcal. São conservadoras das situações de controle quando são naturalizadas e aceitas socialmente, tomam formas, têm significados, fortalecendo o senso comum, impedindo a análise da vida cotidiana, e levam as pessoas a acreditarem nas próprias condições existenciais, que são nesse momento, ausência, ou seja, respostas que se colocam no lugar do possível histórico. Para tanto, criam e resignificam símbolos, linguagens, noções e figuras que

articulam e solidificam o conhecimento do senso comum. E sabe-se que este quando pouco explorado, impede as rupturas, isto porque, naturaliza as concepções que, envolvidas por representações, dão continuidade às relações de domínio e de poder.

No caso das mulheres dos assentamentos de reforma agrária – se observa, também, em outros grupos sociais –, pode se falar em diversas representações, de ser frágil, dócil, calmo, que se articulam em um eixo mais forte e definidor que é a representação de “ser mãe”. Esse eixo passa a ser o articulador das outras representações elaborando sentidos para a vida cotidiana nos assentamentos e na sociedade de modo geral e ganha sentidos comuns, naturalizados, por nascerem na vida social e a ela se dirigirem, a ela darem significados que dominam, muito mais, do que libertam.

Ao destacar o ponto mais definidor da representação construída para a figura da mulher na sociedade, “ser mãe”, coloca-se os dois sentidos com mais clareza, ou seja, “ser mãe” é a condição do cuidar, objetivada e configurada na mulher, seja ela trabalhadora rural ou urbana, é o simbólico criando sentidos que são aceitos pela própria mulher – pode se destacar a dificuldade de se desprender dos afazeres da casa e dos cuidados dos(as) filhos(as) e/ou de delegar essa tarefa a outrem – que incorpora os papéis socialmente construídos, quanto para a sociedade que define tais papéis e os reforça principalmente por meio da educação na construção de valores e comportamentos dominantes.

Essa representação elabora um sentido, resignificando a própria linguagem, pois por meio dele o verbo “*dedicar*” transforma-se em *dedicar-se*, provocando uma mudança de sentido, pois confere à ação uma dimensão temporal ininterrupta reavivando o sentido religioso que há em *dedicar-se*, o empenho de continuidade, de ligação profunda, [...]”<sup>6</sup>. No contato com as mulheres e os homens nos assentamentos observou-se que o sentido do *dedicar-se*, para a mulher, está voltado à casa e seus arredores – inclui-se o cuidado

com os filhos, com as plantas e com os pequenos animais, com uma participação com menor poder de decisão em outras instâncias da vida familiar e no assentamento – grupos de produção, assembléias, dentre outras.

Nos assentamentos, as famílias lançam mão das representações sociais que devolvem à terra o sentido de aconchego, de fertilidade de mãe protetora que está sempre pronta a receber quem dela necessite. Estas antigas representações, parte de uma profunda memória coletiva, veiculadas e difundidas ao longo e em geral lento processo de luta pela terra e na consolidação da sua permanências nos assentamentos rurais, provocam por deslocamentos, amálgamas e substituições, o reforço da condição materna das mulheres em detrimentos de outras possibilidades. Assim, é destinado às mulheres um conjunto de atribuições que se ligam ao eixo principal “ser mãe”, tanto que às mulheres as tarefas predominantes estão voltadas aos cuidados com a família, as principais atenções e responsabilidades, pois mesmo que trabalhem no ciclo de produção, sendo tal trabalho não contabilizado como tal, mas como ajuda.

Porém, as mulheres procuram construir resistências simbólicas, podendo ganhar força para alteração da condição feminina, buscando o empoderamento da mulher<sup>7</sup> no cotidiano dos assentamentos. Exemplos podem ser citados: uma mulher que contra a vontade do marido, afirma dirigir o trator e cuidar sozinha da produção; outra que diz plantar amendoim sem a “permissão” do marido; outra que dirige sozinha o seu lote, com admiração de alguns e desprezo e inveja de outros.

Do exposto, a permanência nos assentamentos recoloca para as mulheres e para as famílias um novo cenário que permite a elaboração de novos projetos pessoais e coletivos. Na reelaboração contínua desses projetos, lançam mão das representações internalizadas e assimiladas, mas também inventam e reinventam outras que apontam para além da vida presente, para um futuro onde esperam encontrar uma vida melhor, mais digna, com novas referências. Assim, percebemos que o presente/futuro é

construído em meio a um fluxo de representações sociais, em um imbricamento do passado, a que nos reporta Thompson<sup>8</sup>, que remete a um possível objetivado de Sartre<sup>9</sup>.

Portanto nos assentamentos, as mulheres vão configurando brechas, em meio às homogeneidades e às diferenças entre as famílias, entre os homens e as mulheres, estamos a falar de um cotidiano que : “[...] é ao mesmo tempo abstrato e concreto: institui-se e constitui-se a partir do vivido.”<sup>10</sup>

Precisamos pensar acerca do vivido das mulheres nos assentamentos rurais, considerando as espontaneidades, as ambigüidades, as contradições, bem como, todas as possibilidades e as limitações desse vivido, o que dele está aparente e/ou oculto na representação. Ao construírem as redes de relações, no interior dos assentamentos, as mulheres e os homens procuram definir/(re)definir estratégias de permanência na terra, lançando mão de seu saber-fazer e novos saberes, principalmente nas definições das alternativas de produção, passando pelas escolhas entre o trabalho individual e coletivo, relativos à concepção de terra que trazem de outros tempos.

Toda essa imensidão de sentidos e sentimentos envolvendo as mulheres, reforça as imprecisões da vida cotidiana, em ritmos desencontrados, em alguns casos se redefinindo em novas melodias, mediatizando o vivido<sup>11</sup> e o concebido, havendo entre ambos um espaço, no qual efetiva-se o percebido, sendo este as representações do mundo e o mundo das representações. É quando se institui as relações, se estruturam os valores, os desejos, as necessidades, as ações, as transformações e/ou as permanências do modo de vida dessas mulheres e suas famílias, constituindo as concepções de mundo, de terra, de relações de gênero.

Desta sorte, ao refletir a organização da vida nos assentamentos, é importante considerar que as representações da mulher, carregadas de valor e sentido socialmente aceito, caracterizam os projetos e a vida dos assentados, particularmente nas relações de gênero. Nesse sentido, encontramos nas referidas representações sociais uma

ambivalência, pois podemos atribuir-lhe uma dupla conotação: falsa e verdadeira ao mesmo tempo; falsa porque não consegue atender e corresponder ao que supõe, na medida que dissimulam as finalidades reais dos diferentes projetos existentes, tendo em vista o que desejam, as mulheres; e verdadeira porque integra as relações, reforçando os limites e os bloqueios a um tempo futuro. Mas, também, porque ao se referirem aos anseios, desejos e esperanças das pessoas, elas podem surpreender e serem valoradas em sentido contrário ao valores e poderes estabelecidos, desvelando as construções que dominam, de modo a desvendar tais relações, abrindo-se para a exploração do *possível*<sup>12</sup>

Estas e outras reflexões que permeiam nossas acerca da vida de mulheres nos assentamentos de reforma agrária, permite-nos perguntamos; o que mudou na vida das mulheres com a conquista da terra? Não temos uma resposta definitiva. Cabe a cada um (a) encontrar afirmações parciais, mais próximas da realidade, que é marcada pela instabilidade e pela descontinuidade. Deixamos algumas questões por responder, que na verdade são novos questionamentos, haja vista as dificuldades que essas mulheres enfrentam para (re)escreverem suas histórias de vida, de luta, de (des)encontros.

Por outro lado, podemos afirmar: mudou o espaço-tempo da vida, por meio da resistência de homens e de mulheres diante da expropriação e da exploração do capital. Mais ainda: por meio da resistência das mulheres que lutaram e ainda lutam contra o poder patriarcal espraiado por toda a sociedade. Elas buscam, ainda que de modo ambíguo, fugir, resistir ao controle dos olhares masculinos, do próprio marido e de todos os homens que pactuaram as relações de dominação-exploração-opressão, próprias do poder masculino.

Deixemos que as vozes de algumas mulheres expressem essa resistência. Mesmo que no anonimato do cotidiano, em conversas informais e longe do gravador, elas registraram suas angústias, os sentimentos que habitam o entrejogo de gênero, constituindo suas formas de resistência, veladas, silenciosas, mas que fazem parte de

uma história que está sendo escrita, fortalecida, e denunciando a dominação patriarcal: “*Eu acho bom, estou muito contente, levanto cedo, cuido das minhas coisas, crio minhas galinhas, planto horta, pra mim está bom, estou muito contente.*”. “*Mulher de roça não tem vaidade! Mulher da roça não tem ilusão com roupa, com as coisas...*”. “*Tem uns maridos por aí que eu não tenho inveja.*”. “*Casa nova... logo está cheia de filho...*” [verbo casar, referindo a si mesma]. “*Ele fala que o trabalho do homem rende mais...*” “*Minha mãe me agradava, dava tudo pra mim, pra eu não me casar... não adiantou... mas está bom... agora eu vi como é... tenho a minha casa, minhas coisas...*”<sup>13</sup>

---

<sup>1</sup> ROSA, Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Livraria José Olympio Editora, 1963.

<sup>2</sup> FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. *Assentamento Sul Bonito: as incertezas da Travessia na Luta pela Terra*. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista. Araraquara.

<sup>3</sup> Trecho da música “Sol de Primavera” de Beto Guedes e Ronaldo Bastos.

<sup>4</sup> SAFFIOTTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).

<sup>5</sup> LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia: contribucion a la teoria de las representaciones*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

<sup>6</sup> LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record. 1984, p. 22

<sup>7</sup> DEERE, Carmen Diana; LEON, Magdalena. *O empoderamento da mulher: direito à terra e direitos à propriedade na América Latina*. Tradução: Letícia Vasconcelos Abreu, Paulo Azambuja Rossato Antinolf, Sônia Terezinha Gehring. Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS, 2002.

<sup>8</sup> THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>9</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um Humanismo; A imaginação; Questão de método*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores).

<sup>10</sup> SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *A Insurreição do Uso*. In: MARTINS, José de Souza.(org.) *Henri Lefebvre e O retorno à Dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 76.

<sup>11</sup> Id. Ibid. 1996, p. 80.

<sup>12</sup> Cf. LEFEBVRE, op. cit.

<sup>13</sup> FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. *Relações de Gênero no Assentamento Sul Bonito, Itaquiraí-MS: o que mudou?* In: *XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*. 2003, João Pessoa. Anais Eletrônicos. João Pessoa, PB: Guia JP, 2003. 1 CD.